

JOSÉ SARAMAGO

LEVANTADOS DO CHÃO DAS PLANURAS ALENTEJANAS AO BULÍCIO DA FÁBRICA MUNDET, NO SEIXAL.

PARQUE URBANO DO SEIXAL
DE 2 DE JULHO A 31 DE DEZEMBRO DE 2022



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org



Ilustrações da exposição
Mafalda Paiva

Fotografias
Fundação José Saramago
Hemeroteca Municipal de Lisboa
Centro de Documentação e Informação do Ecomuseu Municipal do Seixal
(Fundo documental Mundet, Júlio Pereira Dinis, Nelson Cruz)

Empréstimos
Carlos Policarpo, Per Gustafsson, Maria Anália Valente, Hermínia Oliveira

[A FÁBRICA DA MUNDET, NO SEIXAL]

Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças.

«Levantado do Chão», 1980

Integrada nas Comemorações do Centenário de Nascimento de José Saramago, esta exposição apresenta os trabalhadores da Mundet e os sobreiros, mão-de-obra e matéria-prima indissociáveis da expansão do negócio corticeiro da fábrica e do desenvolvimento económico, sociocultural e político do Seixal, ao longo do século XX. Na fábrica da Mundet caldearam-se largas centenas de trabalhadores provenientes de todos os pontos do país e, em especial, nas décadas de 50 e 60, da região do Alentejo. No concelho do Seixal, estes migrantes integraram-se na comunidade local, ganharam raízes e esperanças. A exposição integra ainda o trabalho da ilustradora científica, Mafalda Paiva, sobre o tema do sobreiro e da cortiça, desde o trabalho rural associado à campanha de descorticação ao transporte da cortiça destinada à fábrica. Em 1905, a firma de origem catalã, L. Mundet & Sons – de que a Mundet & C.ª, Lda. (1922-1988) foi sucessora em Portugal – instala uma fábrica junto à vila do Seixal. Concentrando atividades que iam da obtenção da matéria-prima à venda do produto, a Mundet distinguiu-se pela grande variedade de produtos fabricados e pela concentração de mão-de-obra. Em 1938 a fábrica do Seixal chegou a empregar 2474 trabalhadores.

Tendo nascido para trabalhar, seria uma contradição abusarem do descanso. A melhor máquina é sempre a mais capaz de trabalho contínuo, lubrificada que baste para não emperrar, alimentada sem excesso, e se possível no limite económico da simples manutenção, mas sobretudo de substituição fácil, se avariada está, velha outra, os depósitos desta sucata chamam-se cemitérios, ou então senta-se a máquina nos portais, toda ela ferrugenta e gemente, a ver passar coisa nenhuma, olhando apenas as mãos tristíssimas, quem me viu e quem me vê.

«Levantado do Chão», 1980



Entrega do prémio Cidade de Lisboa a José Saramago pelo livro «Levantado do Chão», 01 de junho 1982.



Capa da 1.ª edição da obra «Levantado do Chão», 1981.



Fábrica da Mundet, no Montijo.

[A POPULAÇÃO FABRIL DA MUNDET]

Homem, que não temos sossego nem assento, de um lado para o outro como o judeu errante (...) eu bem sei o que faço, na Landeira é boa gente, há trabalho que compense, e eu sou homem de arte, não ando agarrado ao rabo da enxada como teu pai e teus irmãos, aprendi ofício e sou capacitado. (...) Mas quando chegaram à nova casa, viram que os trastes mostravam mais graves danos. Por este andar, Domingos, ainda acabamos sem móveis. Casa, têm, a que cabia no bolso que a havia de pagar, tão pequeno o bolso, tão pequena a casa, de renda (...) nesta casa que é só parede e porta, uma divisão em baixo e outra em cima, uma escadinha que que treme quando lhe ponho o pé, e o lume apagado quando estivermos ausentes.

«Levantado do Chão», 1980

Em 1905, a firma de origem catalã, L. Mundet & Sons – de que a Mundet & C.ª, Lda. (1922-1988) foi sucessora em Portugal – instala uma fábrica junto à vila do Seixal. Concentrando atividades que iam da obtenção da matéria-prima à venda do produto, a Mundet distinguiu-se pela grande variedade de produtos fabricados e pela concentração de mão de obra. Em 1938 a fábrica do Seixal chegou a empregar 2474 trabalhadores. Para muitos operários foi a iniciação à disciplina e ritmos da produção fabril. O quotidiano dos operários que operavam as máquinas passou a ser marcado pela sequência de gestos repetitivos e ritmados pelo movimento das mesmas, executados sem descanso e em silêncio durante longas jornadas de trabalho, em troca de um magro salário. Devido à relevância histórica, económica e social daquela que foi uma das maiores fábricas de cortiça do mundo, é-lhe reconhecido um importante papel na memória local, na qual se liga ao trabalho e ao quotidiano de várias gerações de trabalhadores.

Estava nesse dia um vento agreste, de barbeiro, não se aguentava, e então com o corpo mal enroupado, tudo tem sua explicação, deu António Mau-Tempo feriado aos porcos e escondeu-se por trás de um machuco, Que é um machuco, Um machuco é um chaparro novo, por aqui toda a gente sabe, E um chaparro, Um chaparro é um sobreiro novo, ora essa, Então um machuco é um sobreiro, Pois não se estava mesmo a ver (...)

«Levantado do Chão», 1980



A presença da indústria corticeira, refletindo-se no crescimento populacional da antiga vila do Seixal, que atinge os 3911 habitantes, em 1940.



Em 1925, em casas onde com dificuldade poderiam habitar 4 ou 5 pessoas, residiam pelo menos 7, 8 ou mais. Algumas famílias habitavam apenas numa parcela da casa, com fracas as condições de habitabilidade, higiene e salubridade.



Saída dos trabalhadores da fábrica.

[MULHERES E OPERÁRIOS MENORES]

(...) a força dos braços de ambos é com pouca diferença requerida ou desprezada pelo latifúndio, afinal não é assim grande a diferença entre mulher e homem, a não ser no salário. Meu filho, por esmola me deram trabalho para ti, para ganhares alguma coisita, pois a vida é uma carestia e não temos donde nos venha. E João Mau-Tempo, sabedor da vida, pergunta, Vou cavar minha mãe. Sara da Conceição pudesse ela, diria, Não vais meu filho, tens só dez anos, não é trabalho para uma criança (...)

«Levantado do Chão», 1980

O aperfeiçoamento das máquinas permitiu às mulheres operar em diversos sectores da produção, executando tarefas repetitivas, pouco diversificadas e que requeriam muita atenção. Com idêntico nível de qualificação e realizando um trabalho igual ao dos homens, as mulheres recebiam um salário mais baixo. Esta disparidade salarial manteve-se na indústria corticeira até 2015. Mercê das dificuldades no sustento da família, os filhos ingressavam cedo na vida operária. Nos primeiros anos de funcionamento da fábrica da Mundet, no Seixal, chegaram a ser admitidos trabalhadores com 9 anos de idade. A partir de 1927, a legislação limitou a admissão na fábrica a operários com a idade mínima de 12 anos. Na década de 1940, do total de trabalhadores nas fábricas da Mundet de Seixal e Amora, 52% tinham idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Em 1974 a fábrica empregava ainda 27 trabalhadores menores, entre os 14 e os 19 anos de idade.

Pressente que é o procurado, que a partir do instante em que o capataz disser, João Mau-Tempo, vai ali falar ao guarda, tudo será assim como estar a arrancar uma prancha de cortiça, ouvi-la ranger e saber que o esforço terá de chegar ao fim, o meu esforço, o esforço da árvore, falta aqui a interjeição do homem, hã, berro das cascas soltando-se, crrá (...)

«Levantado do Chão», 1980



Em algumas secções – como nas oficinas de rolha de champagne e de papel de cortiça –, coexistia a produção manual (quase artesanal) com processos produtivos de semiautomatização.



Nas fábricas da Mundet de Seixal e Amora, nos anos 40, a mão-de-obra feminina rondava os 56% do universo dos trabalhadores.



O elevado número de trabalhadores menores reflete-se nas sanções disciplinares na fábrica, que incidam, sobretudo, em brincadeiras durante o horário laboral e faltas de atenção ao serviço.

[A TRANSMISSÃO DO SABER-FAZER NA FÁBRICA]

Melhor é declarar que estes anos de João Mau-Tempo vão ser os da sua educação profissional, no sentido tradicional e campestre de que um homem de trabalho tem de saber tudo, tão bom para ceifar como para tirar cortiça (...). Este saber transmite-se nas gerações sem exame nem discussão, é assim porque sempre assim foi (...). Entre os dez anos e os vinte há que aprender tudo e depressa, ou não teremos patrão que nos aceite.

Durante as primeiras décadas de funcionamento da fábrica, os insuficientes conhecimentos técnicos e tecnológicos obtidos pelos trabalhadores da Mundet por meio da aprendizagem formal – dada a quase inexistência de escolas técnicas para operários – foram supridos com o apoio de mestres catalães, através da transmissão de saberes adquiridos pela observação atenta dos gestos de quem ensinava e de experiência no local de trabalho, de que resultou a formação de operários corticeiros qualificados. Esta formação era ainda reforçada pela prática tradicional de domínio e circulação geracional do saber técnico, procurando os pais – encarregados ou operários com aptidão especializada para o trabalho da cortiça (entre outros, escolhedores de prancha, calibradores, recortadores e quadradores) – iniciar cedo os filhos na vida da fábrica para lhes transmitirem, em contexto de trabalho, os seus conhecimentos e técnicas profissionais, possibilitando a inserção e ascensão dos filhos no quadro dos trabalhadores da empresa.

Manuel Espada empoleirado no alto deste sobreiro, descalço, ele é que é um pássaro sério e descalço, salta de ramo em ramo, e não canta, não lhe apetece cantar, quem manda neste trabalho é o machado, truca, truca, a linha que contorna as pernadas ou no tronco se traça em vertical, e depois o cabo do machado a servir de alavanca, força, e agora sim, sempre é verdade, cá está o pássaro rouco que vive dentro do sobreiro, é um berro, mas dó ninguém o tem. Chovem do alto os canudos, caem sobre as pranchas arrancadas dos troncos (...).

«Levantado do Chão», 1980



No dia-a-dia da fábrica, os trabalhadores aprendiam, na prática, a conhecer as características da matéria-prima que laboravam, a nomenclatura técnica de instrumentos e máquinas de que se serviam e o conhecimento dos processos e preceitos de fabrico.

[MOVIMENTAÇÕES E PROTESTOS OPERÁRIOS]

São duas as palavras, não aceitar a jorna de vinte e cinco escudos, não trabalhar por menos de trinta e três escudos por dia, de sol a sol, porque assim tem de ser ainda, os frutos não amadurecem todos ao mesmo tempo. (...) É verdade que de todos os lados vêm notícias de que os homens, muitos deles, estão a recusar-se a trabalhar por miséria assim, mas que há-de um homem fazer se tem mulher e filhos (...)

«Levantado do Chão», 1980

Ao longo do século XX, a crescente insatisfação dos operários face aos baixos salários, às longas jornadas e precárias condições de trabalho ao recurso crescente à mão de obra feminina e de menores, à redução dos dias de trabalho semanal e à subida constante do custo de vida, suscitou vários protestos laborais e greves no concelho do Seixal, a que frequentemente se seguiu a ação repressiva e vigilante das autoridades militares e policiais. No início dos anos 40, os corticeiros constituíam o grupo socioprofissional com maior expressão – em 1947, só a fábrica da Mundet, no Seixal, empregava 2269 corticeiros – e o melhor organizado no município. Nas décadas seguintes, face à ameaça de despedimento, a resistência operária passa a ser marcada, entre outras ações, por abaixo-assinados e por concentrações de trabalhadores junto à sede do Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Setúbal, no Seixal e junto à administração da empresa.

Está o capataz a olhar, é preciso provar aos camaradas que és tão homem como eles, e além disso não podes ficar sem trabalho a semana que vem, tens os filhos, e então dois levantam o pau, não são os teus filhos mas é como se fossem (...), tu baixas-te (...) quando sentes a carga vão-se-te os joelhos, mas fincas os dentes, retesas os rins e aos poucos vais-te aprumando, é um tronco enorme, uma pernada gigantesca, julgas até que tens aos ombros um sobreiro de cem anos, e dás o primeiro passo, que longe está o monte da lenha, os camaradas a olhar, o capataz (...)

«Levantado do Chão», 1980



Manifestações de corticeiros em vésperas da revolução republicana, em 1910.



A Associação de Classe dos Operários Corticeiros do Seixal (criada em 1921) viu a sua sede, na Rua Dr. Miguel Bombarda, encerrada pela polícia em 1934. Passados cinco anos, o regime conseguirá impor o Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Setúbal, com sede no Seixal.

[LEVANTADOS DO CHÃO]

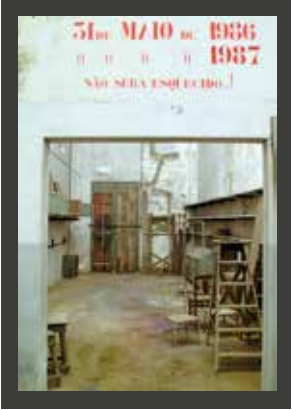
Neste lugar do latifúndio, tão longe do Carmo de Lisboa, não se ouviu por aqui um tiro nem anda gente a gritar pelos descampados, não era fácil entender o que é uma revolução e como se faz (...). E então num sítio qualquer do latifúndio, a história lembrar-se-á de dizer qual, os trabalhadores ocuparam uma terra. Para terem trabalho, nada mais (...). E depois numa outra herdade os trabalhadores entraram e disseram, Vimos trabalhar. E isto que aconteceu aqui, aconteceu além (...).

«Levantado do Chão», 1980

A partir dos anos de 1960, a empresa confrontada com o desenvolvimento dos sucedâneos da cortiça (sobretudo, do plástico) e com sérios problemas de gestão, procedeu ao encerramento das fábricas de Amora, Mora e Ponte de Sor. Na década seguinte, apenas se encontravam em laboração as unidades fabris do Seixal e Montijo (num total de cerca de 1250 trabalhadores), fazendo-se, contudo, sentir a redução gradual do número de operários. Tal como os trabalhadores rurais no Alentejo que, levantados do chão, se apossaram das propriedades agrícolas, a revolução de 25 de Abril de 1974 deu lugar, na fábrica da Mundet, no Seixal, a um emocionante e conturbado processo de consciência política e de emancipação dos operários que, organizados em comissões de trabalhadores, lutaram pela manutenção dos seus postos de trabalho e pela recuperação e viabilização da empresa. Após várias vicissitudes, em 1988 encerraram-se definitivamente os portões do lugar onde, ao longo do séc. XX, haviam coexistido as lutas sociais e a atividade industrial corticeira.

Vêm uns a pé, os de mais perto e outros de longe, se melhor transportação não arranjaram, há quem pedale velhas bicicletas que bambeiam e rangem como carros de mulas, quem podia tomou a camioneta de carreira, assim se vão aproximando, vindos de todas as direções da rosa-dos-ventos, é um grande vento que os trás. (...) não são muitos, mas chegaram, e trazem uma mulher, Gracinda Mau-Tempo também quis vir, já não há quem segure as mulheres, isto pensam os mais velhos e antigos, mas não dizem nada (...)

«Levantado do Chão», 1980



A 31 de maio de 1974, os trabalhadores da Mundet, organizados em comissões, passam a intervir na gestão da empresa.



Progressivamente, os operários iniciaram um processo de consciência política e de luta pelo direito ao trabalho e pela recuperação da empresa.